

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS DE VOLTA REDONDA
CURSO DE PSICOLOGIA

DANIEL CESAR EVARISTO NETTO

**DA PLURALIDADE: CONSIDERAÇÕES SOBRE A EPISTEMOLOGIA
PSICANALÍTICA**

Volta Redonda/RJ
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PSICOLOGIA

DANIEL CESAR EVARISTO NETTO

DA PLURALIDADE: CONSIDERAÇÕES SOBRE A EPISTEMOLOGIA
PSICANALÍTICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Graduação em Psicologia do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Professora Dr.^a Ana Paola Frare

Volta Redonda/RJ
2018

Ficha catalográfica automática - SDC/BAVR

E92p Evaristo Netto, Daniel Cesar
Da pluralidade: considerações sobre a epistemologia
psicanalítica / Daniel Cesar Evaristo Netto ; Ana Paola
Frare, orientadora. Volta Redonda, 2018.
31 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia)-
Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências
Humanas e Sociais, Volta Redonda, 2018.

1. Psicanálise. 2. Epistemologia. 3. Energética . 4.
Hermenêutica. 5. Produção intelectual. I. Título II.
Frare, Ana Paola, orientadora. III. Universidade Federal
Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Sociais.
Departamento de Psicologia.

CDD -



Universidade Federal Fluminense
Campo Universitário de Volta Redonda
Instituto de Ciências Humanas e Sociais de Volta Redonda
Curso de Psicologia

**ATA COM PARECER DA MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO DE
DANIEL CESAR EVARISTO NETTO, ALUNO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM
PSICOLOGIA, TITULAÇÃO BACHAREL, DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE DE
VOLTA REDONDA.**

Aos dez (10) dias do mês de Julho de 2018 às 14 horas, apresentou-se o parecer da monografia de DANIEL CESAR EVARISTO NETTO, intitulada DA PLURALIDADE: CONSIDERAÇÕES SOBRE A EPISTEMOLOGIA DA PSICANÁLISE.

Como orientadora referida Monografia, a Profa. Dra. Ana Paola Frare, registra a Banca Avaliadora e parecerista composta por Profa. Dr. Thiago Constâncio Ribeiro Pereira e Prof. Dr. Roberto de Oliveira Preu.

Após leitura e avaliação, o parecerista Prof. Roberto Preu considerou o trabalho APROVADO, com grau NOVE (9,0), com o seguinte parecer:

O texto monográfico apresentado cumpre com os requisitos para aprovação enquanto trabalho de conclusão de um curso de graduação. O autor se debruça sobre as principais questões que envolvem a discussão acerca da epistemologia da psicanálise e a possibilidade de atribuímos a esse saber um caráter de cientificidade, seja do ponto de vista de uma ciência explicativa, considerada desde um modelo energético, seja perspectivada a partir uma aproximação compreensiva ou hermenêutica. Ainda que revele uma disposição relevante para tratar do tema, por se tratar de uma primeira exploração das temáticas, o texto dá um panorama do assunto sem se aprofundar muito em alguns problemas, o que deixa o leitor sem compreender muito bem o rumo que o Autor pretendeu dar a essa exploração desse conteúdo. Ora o trabalho se perde em fios soltos, ora faz muitos rodeios e dá a sensação de que se está andando em círculos. Talvez, a advertência de que se trata de uma visão panorâmica pudesse ser útil para que um leitor desavisado se situasse ao se deparar pela primeira vez com o trabalho.

Após leitura e avaliação, o parecerista Prof. Thiago considerou o trabalho APROVADO, com grau SETE (7,0), com o seguinte parecer:

O Trabalho de Conclusão de Curso do estudante Daniel Cesar Evaristo Netto, intitulado "Da Pluralidade: Considerações sobre a Epistemologia Psicanalítica", cumpre as exigências básicas para sua aprovação. O estudo apresenta um panorama do debate existente na literatura da Filosofia (ou Epistemologia) da Psicanálise a respeito da caracterização da epistemologia da psicanálise de Freud. A literatura contemplada é adequada. O estudante apresenta duas perspectivas opostas (a leitura energética e a leitura hermenêutica sobre a psicanálise freudiana) e algumas tensões que lhes dizem respeito, e busca também apresentar como a psicanálise resiste a estas leituras. No percurso, o estudante aborda ainda temas clássicos da História e Filosofia das Ciências, como o debate existente na passagem do século XIX para o século XX acerca das diferenças fundamentais entre as "*Naturwissenschaften*" e as "*Geisteswissenschaften*",



Universidade Federal Fluminense
Campo Universitário de Volta Redonda
Instituto de Ciências Humanas e Sociais de Volta Redonda
Curso de Psicologia

e também a discussão a respeito da natureza da psicanálise no contexto das diferentes filosofias da ciência do século XX (Positivismo Lógico, Karl Popper e Thomas Kuhn). Tudo isto justifica a aprovação do estudo enquanto trabalho de conclusão de curso de graduação em Psicologia. Não obstante, na condição de estudo teórico-conceitual, o mesmo apresenta significativas dificuldades. A organização das seções e das unidades lógicas dentro de cada seção produz algumas dificuldades de compreensão. As temáticas e níveis de análise mudam constantemente no texto, sem as devidas justificativas e esclarecimentos. Em diversos momentos conceitos são apresentados sem suas devidas definições e articulações com a discussão em desenvolvimento. A presença de alguns temas não está suficientemente justificada. O uso da literatura é por vezes confuso, mesclando-se as vozes das literaturas primária e secundária, e mesmo as destas com a do autor. Por estas entre outras razões, o estudo seria muito beneficiado por uma revisão geral de seu fluxo lógico. Adicionalmente, recomenda-se uma revisão (menor) do português e da adequação às normas da ABNT.

NOTA FINAL: OITO (8,0)

Volta Redonda, 10 de Julho de 2018

BANCA AVALIADORA:

Prof. Dra. Ana Paola Frare
(Orientadora e Presidente)

Prof. Dr. Thiago Constâncio Ribeiro Pereira

Prof. Dr. Roberto de Oliveira Preu

RESUMO

O presente trabalho tem como proposta inicial a investigação das implicações do conceito de pulsão na formação da epistemologia psicanalítica, na medida em que se mostra um conceito central no que tange a relação mente e corpo em psicanálise. Contudo, essa proposta nos remete a uma pergunta mais fundamental: O que caracteriza a epistemologia psicanalítica? Localizar a implicação da pulsão na constituição da psicanálise, implicaria toma-la a partir de uma lógica unitária. Entretanto, o embate epistemológico produziu grandes divergências acerca do estatuto da psicanálise, instaurando um espaço de disputa no próprio campo. Limitaremos nossa pesquisa ao exame de duas leituras distintas, a fim de investigar a resistência da psicanálise a formação de uma unidade epistemológica. A primeira leitura busca reconhecer no projeto freudiano sua matriz positivista, ao entender que a aproximação dos enunciados psicanalíticos aos esquemas da física e da biologia, demarcaria sua cientificidade. A segunda atribui a psicanálise um estatuto compatível com as ciências do sentido, ao ressaltar que seu modo de operação se estabelece a partir de um plano interpretativo. Esperamos que este trabalho seja o passo inicial de uma pesquisa mais aprofundada acerca da pulsão, pois entendemos que pensar a sua implicação, passa por reconhecer a pluralidade do campo.

Palavra-chave: Pulsão, Epistemologia, Psicanálise, Ciência, Energética, Hermenêutica.

ABSTRACT

The present work has as its initial proposal the investigation of the implications of the concept of drive in the formation of psychoanalytic epistemology, considering that it shows a central concept in relation to the mind and body relationship in psychoanalysis. However, this proposal leads us to a more fundamental question: What characterizes psychoanalytic epistemology? To find the implication of the drive in the constitution of psychoanalysis would imply considering it from a unitary logic. However, the epistemological clash produced great divergences about the status of psychoanalysis, establishing a space of dispute in the field itself. We will limit our research to the examination of two distinct readings aims investigate the resistance of psychoanalysis to the formation of an epistemological unity. The first reading seeks to recognize in the Freudian project its positivist source, by understanding that the approximation of psychoanalytic statements to the schemas of physics and biology, would demarcate its scientificity. The second attributes to psychoanalysis a status compatible with the sciences of meaning, emphasizing that its mode of operation is established from an interpretive plane. We hope that this work will be the initial step of a more in-depth research since we understand that to think about the implications of the drive, is to recognize the plurality of the field.

Keywords: Drive, Epistemology, Psychoanalysis, Science, Energetic, Hermeneutic.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 A CIÊNCIA MODERNA	11
1.1 A VISADA DE FREUD	13
1.2 A CIENTIFICIDADE DA PSICANÁLISE.....	15
2 A DISPUTA DOS MÉTODOS	18
2.1 A ENERGÉTICA	20
2.2 A HERMENÊUTICA	23
2.3 A CRÍTICA A LEITURA HERMENÊUTICA.....	26
3 CONCLUSÃO	28
4 REFERÊNCIAS	29

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem sua origem nas indagações acerca das implicações do conceito de pulsão na epistemologia psicanalítica, considerando que se trata de um conceito central no que tange a relação mente e corpo em psicanálise. No entanto, constatamos que o desenvolvimento da proposta apresentada, passa por uma questão ainda mais fundamental: O que caracteriza a epistemologia psicanalítica? Verificar o lugar da pulsão no projeto freudiano, implicaria supor que a psicanálise se estabelece em um regime unitário. Todavia, o embate epistemológico produziu grandes divergências acerca do estatuto da psicanálise, instaurando um espaço de disputa no próprio campo. Investigaremos o posicionamento da psicanálise diante desse conflito, limitando nossa pesquisa ao exame de dois planos distintos. O primeiro enfatiza o caráter energético da teoria, aproximando os conceitos psicanalíticos de modelos da física e da biologia. O segundo ressalta o plano interpretativo, posicionando a psicanálise no campo das ciências do sentido.

Em vista disso, discutiremos a constituição do campo psicanalítico, a partir de sua inserção ao paradigma científico da época. O advento do sujeito moderno configura um novo campo de práticas e saberes que se estabelecem com a primazia do sujeito racional, o “eu penso” cartesiano é tomado como ato fundante da ciência moderna. Nesta medida, o inconsciente psicanalítico emerge como um outro que resiste ao primado do ego. Ao promover a derrocada da razão como condição sólida de construção do saber, a psicanálise advoga em prol do inconsciente, escapando a lógica moderna. O sujeito sede da razão consciente deixa de ser o ponto de partida da reflexão psicanalítica. Lacan, ao subverter o cogito, nos permite pensar a ciência em sua relação imanente com o desejo.

Empenhado em sistematizar as bases neurológicas da psicanálise, Freud postula que a atividade psíquica é engendrada a partir de uma tendência fundamental do aparato neuronal, o princípio da inércia, cuja função é reduzir ao máximo o nível de excitação. Segundo Michel Foucault (2002), a psicologia tinha como objetivo, encontrar no psiquismo humano aquilo que seria a extensão dos processos naturais. A aderência a um modelo matemático obedecia ao imperativo de transformá-la em um saber positivo. No entanto, Freud nunca se limitou em aplicar conceitos psicanalíticos a questões que dizem respeito as ciências naturais, a conduzindo para uma posição epistemológica própria.

Podemos justificar o ponto de vista energético, na medida em que Freud concebe o sistema psicossomático de um modo mecânico, apoiando-se em um esquema

regulatório cuja finalidade é reduzir ao máximo o nível de tensão. Por outro lado, podemos também justificar uma leitura hermenêutica, ao considerar as relações de sentido que se apresentam na prática clínica. Segundo Paul Ricoeur, essa ambiguidade marca a posição epistemológica singular da psicanálise. Para o autor, o alinhamento da psicanálise a uma matriz positivista, implicaria uma redução do texto freudiano. A busca pela causa universal, como propõe as ciências da natureza, anula a dimensão particular da clínica, visto que, a psicanálise não lida com o fato em si, mas com o sentido que o sujeito elabora para esse fato. Lacan reconhece o mérito da leitura hermenêutica no que concerne a disjunção entre o registro da significação e dos fatos, porém, discorda dos pensadores do sentido, ao afirmarem que o pensamento pode a ser estudado pelas ciências da compreensão.

Tendo em vista o panorama apresentado, percebemos que a psicanálise resiste a formação de uma unidade epistemológica. O fato de possuir uma lógica de funcionamento própria, não inviabiliza o diálogo com outras áreas, pelo contrário, ressalta a singularidade do projeto freudiano, ao apontar para aquilo que não é dito em outros discursos. O entendimento sobre a implicação da pulsão na formação da epistemologia psicanalítica, passa antes de tudo por verificar essa heterogeneidade.

1 A CIÊNCIA MODERNA

No século XVII, Descartes é expoente de uma grande virada científica caracterizada pela primazia do sujeito racional e o estabelecimento da consciência como sede do conhecimento. A ciência moderna marca a divisão entre o sujeito racional puro e aquilo que o aproxima dos desejos e afetos, inaugurando um sujeito direcionado pelo cogito.

A ciência moderna, tendo como marco a obra cartesiana, propôs a ênfase no sujeito como fruto de um método de expurgo, do rigor científico, em que o objetivo principal das correntes epistemológicas era o de buscar um sujeito epistemológico pleno, consciente de si e senhor absoluto de sua vontade (T. RAVANELLO ET ALL, 2016, p.112).

A psicanálise emerge no século XIX em meio as discussões epistemológicas que colocavam em questão a hegemonia do modelo científico moderno, pensando a constituição do psiquismo a partir de um modo de operação do sexual, que expõe a divisão do sujeito. De acordo com T. Ravanello et all (2016), ao insurgir-se contra o racionalismo iluminista e ao método científico, a psicanálise apresenta um modelo psíquico que não se atem a classificação de universais, mas da subjetividade como produção singular. Ao promover a descentralização da razão, o sujeito puro, cede da razão consciente, deixa de ser o ponto de partida da teoria psicanalítica. O método não é capaz de controlar emoções e afetos como propõe a ciência moderna, a psicanálise aposta no sujeito do inconsciente, na singularidade em detrimento da universalidade (T. RAVANELLO ET ALL, 2016).

A reorientação teórica proposta por Lacan, confere a psicanálise um posicionamento epistemológico que subverte o cogito cartesiano. No molde lacaniano, o inconsciente tomado pelo desejo, desautoriza a razão consciente, direcionando a ciência a “evidências do inconsciente” (BEIVIDAS, 2000 p.17). A releitura de Lacan nos permite pensar na ciência em sua relação imanente com o desejo. Não se trata, portanto, de buscar a coisa em si, externa a experiência, mas de construir os conceitos a partir do modo de operação do desejo (T. RAVANELLO ET ALL, 2016). Ao conceber o sujeito do inconsciente como efeito da linguagem, Lacan afirma que o acesso a verdade ocorre por via do discurso.

Conforme Lacan (1965;1998), é “impensável que a psicanálise como prática, que o inconsciente, o de Freud, como descoberta, houvessem tido lugar antes do nascimento da ciência” (p. 871). Sua formulação aparentemente nos leva a um paradoxo. Como pode a psicanálise romper com a metodologia científica ao mesmo tempo em que a ciência é sua condição de possibilidade? Para responder à questão, devemos levar em

conta a grande influência de Koyré na maneira como Lacan posiciona a psicanálise historicamente. Grande estudioso da história da ciência, Koyré afirma que o surgimento da ciência moderna representa um corte com o mundo antigo, alterando a relação do sujeito com o mundo (VORSATZ, 2015).

No cosmos aristotélico antigo, hierarquicamente ordenado segundo o critério de valor, não há lugar para o inconsciente e seu sujeito, pois caracteriza um mundo em que não há falta – tudo se encontra em seu devido lugar. O conhecimento da natureza (physis) é uma espécie de protociência que se ordena a partir da descrição dos fenômenos tais como eles podem ser apreendidos pelos sentidos, e a linguagem apenas descreve um mundo que é como deve ser (VORSATZ, 2015 p.253).

A cosmovisão grega entra em declínio quando Galileu Galilei, ao observar o movimento dos planetas, descobre que os astros obedecem às mesmas leis que os corpos terrestres. Não existe diferença ontológica entre o céu e a terra, a hierarquia ordenada proposta pelos gregos perde terreno para um universo aberto, infinito, governado por leis universais. O movimento dos corpos passa a ser explicado não por suas qualidades intrínsecas, mas devido as relações de força, cria-se um universo simbolizado pela matemática. Temos a passagem de um cosmo finito e fechado, para um universo infinito, o pensamento moderno rompe com a harmonia grega (VORSATZ, 2015).

A modernidade introduz um descompasso na ordem cósmica fechada e hierarquizada pulverizando-a numa miríade de pontos infinitesimais, que passam então a constituir o universo tornado infinito pelo advento da ciência. Isto é, através da matematização do espaço geométrico empreendida por Descartes e também pela fundamentação – ontológica e, em seguida, metafísica – levada a cabo por ele, tornando possível o estabelecimento de um critério de verdade na ciência. Nesse espaço aberto e infinito introduzido pelo discurso científico o homem já não se encontra em sua morada, pois a própria morada desapareceu e o homem passa a desconhecer a sua medida. A ciência não dá lugar ao homem, mas ao sujeito – elemento que, por sua vez, escapa às suas malhas, vindo a ser recolhido pela psicanálise (VORSATZ, 2015 p.253).

Esse descompasso provocado pela ruptura com a cosmologia grega, institui o sujeito moderno. Segundo Figueiredo (1995) a psicanálise vai se ater justamente ao que foi vetado pela ciência moderna, aquilo que emerge por meio da manifestação do inconsciente. Seu saber, opera no sujeito afetado pela ciência, este que diante da queda da ordem grega, se encontra desamparado, de tal modo, que a clínica psicanalítica funda um espaço de produção de novos parâmetros da ação (VORSATZ, 2015).

Vimos que o inconsciente psicanalítico desautoriza a razão consciente anunciada pela ciência moderna, explicitando a relação imanente da ciência com o desejo. Ao mesmo tempo, Lacan nos adverte que a psicanálise não seria possível sem advento do sujeito cartesiano, visto que, a experiência clínica se constitui a partir dele. Consideramos relevante para o desenvolvimento da proposta apresentada, analisarmos como a

psicanálise se projeta em relação a epistemologia de seu tempo, para posteriormente alavancar a discursão acerca de sua captura. Por agora, nos deteremos ao exame da postura de Freud no que concerne o seu fazer científico.

1.1 A VISADA DE FREUD

A psicanálise se constitui em um período de grandes transformações científicas, Freud procura alinhar sua produção teórica aos critérios estabelecidos pela ciência, sendo taxativo ao posiciona-la no como das ciências da natureza. “A psicologia também é uma ciência natural. O que mais ela poderia ser?” (FREUD, 1966/1940, p.282 apud SIMANKE, 2009, p.225;226).

Ao escrever “Projeto para uma psicologia científica” (1895), Freud busca a partir de uma explicação fisicalista, expor as bases de sua concepção do psiquismo, recorrendo ao sistema nervoso para explicitar seus determinantes químicos. Freud postula que a atividade psíquica é engendrada a partir de uma tendência fundamental do aparato neuronal, o princípio da inércia, cuja função é reduzir ao máximo o nível de excitação.

Influenciado por sua formação médica, Freud, empreende a tarefa de colocar a psicanálise em consonância com a ciência da época, entendendo que os avanços do conhecimento do cérebro e do sistema nervoso, substituiriam os modelos mentais (SIMANKE, 2009). O fato do próprio termo psicanálise ter como fundamento os métodos utilizados nas ciências naturais, como a análise de componentes químicos, não resultou em um consenso acerca de sua identidade (BARBELLI, 2009). As investigações acerca do estatuto da psicanálise não se esgotam, algumas evidenciando sua ruptura com as ciências naturais, a incluindo no registo do sentido, outras ressaltando suas raízes positivistas.

Podemos dizer, que o projeto de Freud não se restringiu aos fenômenos biológicos e universais, posto que, sua prática clínica apontava para o discurso particular. Embora tenha buscado fundamentos na biologia, Freud nunca se limitou em aplicar conceitos psicanalíticos a questões que dizem respeito as ciências naturais, a tencionando para uma posição epistemológica própria, que integra ambos os domínios. De acordo com Simanke (2009), ao considerar os temas culturais, não devemos reduzir o naturalismo de Freud a um simples apego a sua formação, superado pela entrada a um estado mais maduro da teoria.

Essa não é somente uma tomada de posição tardia, mas a reiteração de uma atitude epistemológica que remonta à sua formação como pesquisador, nas áreas da neuroanatomia e da neuropatologia clínica e que, ao contrário do que

quis fazer crer uma boa parte da historiografia oficial da psicanálise, não foi abandonada nem significativamente alterada quando Freud imprimiu uma orientação mais psicológica às suas pesquisas. Podemos encontrar, dispersas ao longo de todo o percurso de sua obra, afirmações bastante taxativas e inequívocas de que a psicologia e, dentro dela, a psicanálise deveriam, em última instância, encontrar seu fundamento na neurologia e na biologia (SIMANKE, 2009, p.226).

Conforme Habermas (1968), Freud cometeu um auto equívoco cientificista, na medida em que seu apego a um modelo científico, o teria levado a tentativas não produtivas de colocar a psicanálise em consonância com as ciências da natureza. “Disso teriam resultado as inconsistências internas e as aproximações bizarras, entre arte e instinto, religião e neurose, laço social e libido, cultura e darwinismo” (SIMANKE 2009, p. 227). Na leitura de Simanke (2009), essas aproximações se mostram de alguma forma coerentes, tendo em vista que a psicanálise não separa o social do individual, considerando a implicação do outro na constituição do eu. Ao se considerar o “outro” como estruturante do eu, a cisão entre psicologia individual e psicologia social perde sentido.

O contraste entre a psicologia individual e a psicologia social ou de grupo, que à primeira vista pode parecer pleno de significação, perde grande parte de sua nitidez quando examinado mais de perto. É verdade que a psicologia individual relaciona-se com o homem tomado individualmente e explora os caminhos pelos quais ele busca encontrar satisfação para seus impulsos instintuais [; pulsionais]; contudo, apenas raramente e sob certas condições excepcionais, a psicologia individual se acha em posição de desprezar as relações desse indivíduo com os outros. Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado, mas inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia social (FREUD, 1921/1976, p. 91).

Em “Os instintos e suas vicissitudes” (1915), Freud evidencia sua posição em relação a ciência de sua época, ao afirmar a impossibilidade do saber científico se estruturar de acordo com critérios claros e bem definidos. Os conceitos que constituem uma teoria, não são totalmente formados a partir de considerações empíricas, mas estão relacionados ao próprio ambiente cultural do pesquisador. Freud pensa a ciência não como construção de verdades absolutas, mas em um processo de revisão sistemática. Sua postura fica evidente com o reexame da teoria da sedução, quando em uma carta a Fliess, anuncia, “não acreditar mais em sua neurótica” (FREUD, 1950/1974, p. 357), concebendo a teoria da fantasia. O conceito de fantasia coloca em questão aquilo de maior valor a ciência tradicional, a constatação da realidade como coisa em si. Ao não se objetivar a verdade, a psicanálise a toma em sua relação com o desejo. Freud promove uma alteração de um pensamento voltado para o realismo, para ter como ponto de partida o discurso (T. RAVANELLO ET ALL, 2016).

Ao recorrer a neurofisiologia, Freud procura representar os processos psíquicos por meio de uma concepção física e química da mente, negando o dualismo em prol de uma concepção unitária de ciência (BARBELLI, 2008). Entretanto, a posição assumida por Freud não afasta a adesão da psicanálise aos conceitos mentais amparados pela prática clínica. À vista disso, temos o ponto de partida de uma extensa discussão acerca da cientificidade da psicanálise.

1.2 A CIENTIFICIDADE DA PSICANÁLISE

No final dos anos 1950 a psicanálise foi submetida a duras críticas quanto a sua cientificidade, justamente por não se adequar de forma rígida aos requisitos necessários para o seu estabelecimento enquanto ciência. Conforme Lustoza e Freire (2006), a aparente dualidade do campo corroborou com o quadro. Ao mesmo tempo que Freud lança seu olhar para o registro das significações, reivindica a integração de sua teoria ao campo das ciências da natureza.

O empirismo lógico concentra sua crítica ao caráter interpretativo da psicanálise. Ernest Nagel, um dos principais expoentes dessa corrente, questiona a imprecisão dos enunciados psicanalíticos. Ao formular conceitos não operativos, a psicanálise se detém a enunciados inverificáveis, inviabilizando o rigor científico (MEZAN, 2006). Em um simpósio realizado em 1959, “Psicanálise, método científico e filosofia”, Nagel argumenta que se a psicanálise tem a intenção de se colocar como ciência, deve se alinhar aos critérios estabelecidos pelas ciências da natureza, isto é, deve estar sujeita a validação empírica. Portanto, cabe a psicanálise se constituir com proposições bem definidas, permitindo que os enunciados sejam claros para explicar as condições de ocorrência dos fenômenos. Desta maneira, a psicanálise é deslocada para um campo observacional, capaz de prever fenômenos empiricamente (FRANCO, 2008).

O que vemos, então, é a aproximação do ponto de vista tópico ao modelo do arco reflexo; do ponto de vista econômico, ao modelo entrópico (da tensão à redução de tensão); da teoria da libido ao modelo genético; finalmente, do ponto de vista dinâmico e também estrutural (ou tópico) ao modelo jacksoniano. (ANDRADE, 2013)

Conforme Karl Popper (1962 apud PALOMBINI, 1996), os enunciados psicanalíticos se apresentam de forma ambígua, inviabilizando qualquer tipo de refutação. Ao analisar os sistemas teóricos, Popper circunscreve o campo científico a partir da falseabilidade, isto é, a produção científica deve ser passível de refutação pela experiência. Desta maneira, os enunciados psicanalíticos estariam equiparados aos da

astrologia, na medida em que ambos se constituem a partir de afirmações irrefutáveis (PALOMBINI, 1996).

Segundo Figueiredo (1994) o questionamento de Popper em relação a psicanálise, diz respeito principalmente a sua dificuldade de diálogo com outros campos do saber. Ao fechar-se em si mesma, desconsidera as proposições que poderiam invalidar a teoria. Desta perspectiva, as observações clínicas, são sempre ajustadas a teoria, de modo a ratificar seus princípios fundamentais (PALOMBINI, 1996). Como já vimos, o percurso de Freud na elaboração da psicanálise foi submetido diversas vezes a questionamentos do próprio autor, sofrendo reformulações que propiciaram mudanças consideráveis a teoria. Freud abandona hipóteses em prol de novas situações clínicas. De acordo com Figueiredo (1994), a crítica de Popper encontra um problema na medida em que toma a lógica de investigação psicanalítica como semelhante à das ciências positivistas.

O processo de análise se caracteriza pelo tratamento singular do analista com o analisando, que impede qualquer possibilidade de situar a psicanálise segundo os critérios normativos da ciência. Ao contrário dos positivistas lógicos e de Popper, que procuram determinar a cientificidade a partir de um determinado sistema lógico, a análise epistemológica promovida por Thomas Kuhn se atem as condições sócio históricas. Contudo, ao analisar a psicanálise, Kuhn concorda com Popper, ao rejeitar sua cientificidade, a situando no registro de uma técnica.

Em *A Tensão Essencial* (1977:333-4), Kuhn afirma que a psicanálise é, não uma ciência, mas uma técnica, uma arte prática semelhante à medicina de um século atrás, onde a teoria apenas estabelece a plausibilidade da disciplina e fornece um fundamento racional às regras técnicas que dirigem a prática, mas não impede os fracassos recorrentes. Na falta de uma teoria mais articulada e de regras mais poderosas, a psicanálise não teria enigmas a resolver e, portanto, não haveria ciência a praticar (PALOMBINI, 1996 p.24).

Em “A estrutura das revoluções científicas” (1962), Kuhn estabelece a noção de paradigma, pela qual as produções científicas são definidas a partir de modelos discursivos, que constituiriam a chamada “ciência normal”. A adesão ao paradigma institui a própria realidade, estabelecendo as questões e direcionando o trabalho científico (PALOMBINI, 1996). Ao aplicar uma análise histórica da ciência, Kuhn considera que o desenvolvimento da ciência não ocorre, como afirma os positivistas, pela acumulação de saber. Na tentativa de salvaguardar o paradigma dominante, recorre-se a falseamentos, instaurando uma crise. As revoluções ocorrem quando sistema teórico vigente perde a capacidade de sustentar a realidade. Um novo paradigma se estabelece e passa a orientar a produção científica, instituindo a ciência normal. “Nesse caso, não se tratará de verificar

se há acordo ou desacordo entre o fato e a teoria, mas sim de perguntar qual de duas teorias existentes em competição adequa-se melhor aos fatos” (PALOMBINI, 1996, p.22).

Habermas (1968 apud PALOMBINI, 1996) assume uma postura crítica em relação a epistemologia de seu tempo, na qual, ao inclinar-se para o fato, abandona a auto-reflexão, reduzindo a epistemologia a metodologia científica. Deste modo, a psicanálise se apresenta como saber que permite a auto-reflexão, conferindo resistência a hegemonia positivista. Segundo Habermas, a auto-reflexão não foi constatada na psicanálise, dado que, o auto equívoco cientificista de Freud, a impeliu ao registro dos fatos.

Na hermenêutica freudiana proposta por Habermas, o sujeito, ao elaborar seu texto, depara-se com o desconhecimento de si mesmo, cabendo ao analista, a partir da transferência, a função de fazer com que o sujeito entenda a própria linguagem, introduzindo a linguagem desgramaticalizada no domínio público (PALOMBINI, 1996). “Essa tradução liberaria a memória bloqueada de fases importantes da história da vida do paciente, tornando-o consciente de seu processo formativo, propiciando a auto-reflexão”. (PALOMBINI, 1996 p.25;26)

A noção de desejo proposta pela psicanálise estabelece um novo entendimento sobre o discurso científico, apontando para a implicação do desejo na constituição da ciência e ação humana. A originalidade da psicanálise está em ressaltar aquilo que foi recalcado em outros discursos, o que explicaria sua recusa tanto pela vertente cientificista, denunciando seu aspecto especulativo, quanto pela hermenêutica, ao rejeitar seu viés naturalista (PALOMBINI, 1996).

2 A DISPUTA DOS MÉTODOS

Podemos observar a singularidade epistemológica da psicanálise a partir da formação de dois planos. O primeiro enfatiza a linguagem energética da teoria, ratificando a implicação do projeto conceitual positivista na constituição da psicanálise. O Segundo posiciona a psicanálise no domínio de uma ciência das significações, valorizando a importância do plano interpretativo na prática clínica.

Esse dualismo se apresenta na chamada disputa dos métodos, de um lado temos as ciências da natureza, alegando a primazia do método explicativo, do outro as ciências humanas, que argumentam em favor do método compreensivo. Diante disso, surgem alguns movimentos como o estruturalismo Francês, que procurou superar a dicotomia entre explicação e compreensão, atribuindo as ciências humanas, análises tão rigorosas quanto as que eram estabelecidas pelas ciências da natureza. O positivismo lógico que tem seu ápice entre as décadas de 1930 e 1960, aparece como um dos principais opositores ao campo das humanidades, promovendo uma tentativa de purificação das ciências dos resquícios da metafísica, estabelecendo através de seus critérios, as condições de cientificidade (SIMANKE, 2009).

Resgatava, ainda, uma concepção humana da causalidade como regularidade natural contingente, excluía como resíduo metafísico toda proposição a respeito de entidades ou processos não passíveis de observação e propunha, como consequência, uma concepção lógico-sintática das teorias científicas, como sistemas de enunciados dedutivamente articulados, no qual as relações funcionais entre variáveis (referentes a particulares observáveis) pudessem ser subsumidas a leis gerais progressivamente mais abrangentes, até o limite ideal da universalidade (SIMANKE, 2009 p.224).

O dualismo metodológico, representado pela distinção entre ciências naturais e humanas, foi tema de grande discussão no século XX, tendo como ponto de partida os pensadores neo-kantianos alemães do final do século XIX (SIMANKE, 2009). As ciências humanas passam a reivindicar sua própria identidade e sua irreducibilidade ao modelo explicativo imposto pelo positivismo lógico. Segundo Assoun (1983), tornou-se imprescindível o posicionamento de Freud diante da disputa entre os métodos que se formou na Alemanha do final do século XIX e no início do século XX.

Conforme Mezan (2007), Freud não levava a distinção entre os métodos em consideração, apoiando a homogeneidade dos domínios e estabelecendo uma concepção unitária de ciência. Ao reivindicar a cientificidade da psicanálise, fica claro que, para Freud, só existe um tipo de ciência, e não dois. Assoun (1983), aponta para o fundamento

monista da Psicanálise, a visão unitária de Freud em relação a ciência, que permitia a utilização do método científico para qualquer ciência particular.

A oposição entre ciências naturais e humanas, se intensificou com a crítica ao modelo físico de Galileu e Newton, que se expandia para os demais campos do conhecimento, estabelecendo um ideal naturalista muito influenciado pelo positivismo comteano do século XIX (SIMANKE, 2009). O dualismo surge como produto da oposição ao modelo naturalista, “(...) sobretudo pelos filósofos neo-kantianos alemães (Rickert, Windelband, Dilthey, entre outros) caracterizava-se, em princípio, pela afirmação da especificidade metodológica das ciências do espírito” (SIMANKE, 2009 p.222). Segundo Assoun (1983), ao penetrar na cultura, o método compreensivo é contaminado por juízos de valor que marcam um olhar eurocêntrico para os fatos culturais, sendo muitas vezes utilizados para justificar a superioridade de certas culturas em relação a outras.

Vimos que o programa reducionista encontra seu fundamento epistemológico no modelo físico, por outro lado as ciências humanas reivindicam uma identidade epistemológica própria. Do ponto de vista da psicologia, essa oposição estabeleceu a fragmentação do campo. Conforme Simanke (2009), a psicanálise também foi afetada por essa divisão, temos as “psicanálises antinaturalistas (o culturalismo norte-americano, a psicanálise existencial, a psicanálise lacaniana) e os naturalistas (a psicologia do ego e, mais recentemente a neuropsicanálise)” (p.225).

Em síntese, trata-se do seguinte: haveria basicamente dois tipos de objeto para o saber, os naturais – existentes sem que o homem tenha parte em seu surgimento e em seu *modus operandi* – e os históricos ou culturais, ou seja, tudo aquilo que resulta da vida em sociedade e caracteriza a existência humana. Disciplinas como a História, a Economia, a Filologia ou a Etnologia lidam com realidades culturais, qualitativamente diversas dos corpos físicos ou dos organismos vivos que são o assunto da Astronomia, da Física, da Química e da Biologia. Há entre o “humano” e o “natural” uma diferença ontológica, e, para respeitá-la, é necessário o emprego de métodos diversos no estudo de cada uma dessas regiões do real (MEZAN 2007, p.328).

De acordo com Mezan (2007) no estudo dos fenômenos naturais, a singularidade é descartada em detrimento de uma investigação que contempla uma determinada categoria. A descoberta é universalizada, existe uma predominância do universal em relação ao singular. Desta forma, a partir de formulações metodológicas, pode-se subtrair o aspecto particular em favor do universal, formulando leis verificáveis, capazes de prever fenômenos através de observações e experimentos.

Os defensores das ciências do espírito, entres eles, Wilhelm Dilthey, postulavam que os processos psíquicos poderiam ser interpretados a partir de uma abordagem

diferente do modelo explicativo imposto pelas ciências da natureza, pois este não fornece os instrumentos necessários, visto que, ao considerar a particularidade de seu objeto, torna-se impossível reduzi-lo a critérios previamente definidos (MEZAN, 2007).

O método compreensivo, também chamado “hermenêutico”, consistia, portanto, em interpretar as realidades sobre as quais era aplicado, esclarecendo sua significação e os meios através dos quais ela se expressava, ou seja, sua articulação interna, sua relação com outras facetas de um mesmo sistema cultural e suas diferenças em relação a equivalentes em outros sistemas culturais. A origem da tragédia, de Nietzsche, é um exemplo desse tipo de trabalho, assim como A civilização do Renascimento na Itália de Jakob Burckhardt, a Paideia de Wilhelm Jaeger, os conceitos fundamentais da história da arte de Heinrich Wölfflin, e inúmeros outros. (MEZAN, 2007 p.329)

Permanece o fato de que Freud sempre procurou afinar a psicanálise as ciências da natureza, ao mesmo tempo que realizava investigações em áreas destinadas a história, política, religião, cultura e arte. Esta complexidade encontra expressão nas discussões acerca do seu estatuto epistemológico, permeada pela disputa dos métodos. A psicanálise corresponde a uma energética ou hermenêutica? Deve ser entendida como um saber fundamentado no jogo de forças ou na decifração de sentidos? Sendo o método da interpretação vinculado as ciências do espírito, e a interpretação algo que singulariza a psicanálise, por que Freud é taxativo em afirmar a psicanálise como ciência da natureza? Os leitores de Freud não possuem dificuldade de sustentar uma ou outra visão.

2.1 A ENERGÉTICA

No início do século XIX, Johan Friedrich Herbart (1776-1841), foi um dos primeiros a propor a construção de uma psicologia científica, que se estruturasse a partir de conceitos matemáticos bem definidos. Conforme Carvalho e Monzani (2015) a sistematização da psique no âmbito de um esquema matemático não era uma estratégia inédita, “visto que, mesmo antes dele, outros já tinham tentado encontrar uma ordenação causal na alma por meio da aplicação de modelos matemáticos aos fatos psicológicos, entre eles, Leibniz, Bernoulli, Condorcet, Hutcheson, Maupertuis, Wolff etc.” (p.785).

O projeto de unificação da ciência de acordo com as normas do positivismo lógico encontrava muitos adeptos na Viena de Freud. Segundo Foucault (2002) a psicologia tinha como objetivo, encontrar no psiquismo humano aquilo que seria a extensão dos processos naturais. A aderência a um modelo matemático obedecia ao imperativo de transformá-la em um saber positivo.

Apesar das dificuldades em compatibilizar a teoria freudiana com os requisitos e exigências estritas do empirismo lógico com respeito aos critérios de verdade e cientificidade, é possível ler em Freud uma tentativa de explicação do

comportamento humano a partir do princípio de causalidade, o conceito de inconsciente servindo para revelar conexões entre fatos do comportamento até então inexplicados (...) Tendo como modelo os conceitos mais abstratos da física, que não são *diretamente* definíveis por meio de predicados observáveis, conceitos teóricos como os de inconsciente, id, pulsão, relacionar-se-iam de igual forma, ou seja, indiretamente, a manifestações físicas (comportamentais) observáveis. (PALOMBINI, 1996, p.10)

Para melhor compreensão do ponto de vista energético, analisaremos a noção de afeto. De acordo Marques (2012), “o afeto é um representante pulsional, que, ao lado da representação, intermedia o acesso da pulsão à esfera psíquica. Para Freud, o afeto é uma energia, enquanto que a representação é uma ideia” (p.47). Dito isso, podemos assumir que a teoria da defesa representa um marco no que concerne o estabelecimento de uma noção dinâmica dos processos mentais, na medida em que expõe a luta entre as forças que integram os processos de repressão e resistência (BARBELLI, 2008). Essa dinâmica inerente aos mecanismos de defesa, se caracteriza pela independência do afeto ao representante.

O afeto, para Freud, possui a propriedade de ser dinâmico, na medida em que, quando uma força psíquica atua na repressão de uma certa representação mental no inconsciente, a quantidade de afeto (quota de afeto) associada a esta representação é dissociada da mesma, o que gera o seu deslocamento, transformação e circulação para outras áreas. (BARBELLI, 2008, p.208)

Milidoni (1993, p.16) afirma que “a introdução desta hipótese [da defesa] se encontra revestida de uma importância fundamental, já que implica de fato em pôr em marcha o que será “o ponto de vista econômico em Psicanálise” (apud BARBELLI, 2008, p.209). Freud esclarece sua concepção quantitativa do psiquismo, em seu artigo “As neuropsicoses de defesa” (1894).

Gostaria, por fim, de me deter por um momento na hipótese de trabalho que utilizei nesta exposição das neuroses de defesa. Refiro-me ao conceito de que, nas funções mentais, deve-se distinguir algo - uma carga de afeto ou soma de excitação - que possui todas as características de uma quantidade (embora não tenhamos meios de medi-la) passível de aumento, diminuição, deslocamento e descarga, e que se espalha sobre os traços mnêmicos das representações como uma carga elétrica espalhada pela superfície de um corpo. (FREUD, 1894 /1976, p.73).

Segundo Milidoni (1993), a partir de 1894, temos o deslocamento de um ponto de vista quantitativo restrito a neurofisiologia, para uma abordagem quantitativa que se direciona para os processos psíquicos (apud BARBELLI, 2008). Conforme Lustoza e Freire (2006), podemos localizar no próprio texto de Freud uma leitura que converte os pensamentos inconscientes em objetos dependentes de processos energéticos e objetivos.

Portanto, parece plausível supor que, no trabalho do sonho, está em ação uma força psíquica que, por um lado, despoja os elementos com alto valor psíquico de sua intensidade, e, por outro, *por meio da sobredeterminação*, cria, a partir de elementos de baixo valor psíquico, novos valores, que depois penetram no conteúdo do sonho. Assim sendo, ocorrem *uma transferência e deslocamento*

de intensidade psíquicas no processo de formação do sonho, e é como resultado destes que se verifica a diferença entre o texto do conteúdo do sono e o dos pensamentos do sonho. O processo que estamos aqui presumindo é nada menos do que a parcela essencial do trabalho do sonho, merecendo ser descrito como o “deslocamento do sonho”. (FREUD 1900/1996, p. 333)

Para Assoun (1983) a constituição da psicanálise está inteiramente amparada pelos conceitos fundamentais característicos das ciências naturais, pois, a Deutung (interpretação), não está dissociada Erklarung (explicação). A interpretação psicanalítica não pretende conceder significação ao sonho, mas encontrar seus determinantes causais. Desta forma, o autor analisa a interpretação a partir de um esquema causal entre o desejo inconsciente e as operações de censura, sendo o sintoma neurótico a síntese entre essas forças. Nesta medida, ao buscar um sentido com a interpretação, o desejo é revelado como causa.

Do ponto de vista do conteúdo psicanalítico, convém observar que ela estimula a uma releitura da “ciência dos sonhos” que recentra a interpretação sobre a explicação. Determinar a significação (Bedeutung) do sonho não significa jamais, em Freud, dismantelar o esquema causal (...) O que se trata de elucidar é o vínculo objetivo entre o conteúdo manifesto e o conteúdo latente do sonho. É por esta razão que o conteúdo manifesto sempre introduz, em sua função de significante, um aspecto “objetivo” que o toma semelhante a um efeito, assim como o conteúdo latente introduz, no indizível do significado, a eficiência material da causa. Por conseguinte, o ato interpretativo nunca se liberta totalmente do ato explicativo pelo qual se remonta do efeito à causa (ASSOUN, 1983 p.49;50)

A interpretação é vista apenas como uma variante da explicação. Diante da interação entre o conteúdo manifesto e o conteúdo latente, temos um procedimento intelectual que se configura em uma explicação. Assoun (1983) aproxima a investigação clínica de uma metodologia explicativa, fundamentando sua crítica a hermenêutica freudiana.

Não há lugar para dicotomizarmos a démarche psicanalítica em uma parte explicativa (na linha das ciências da natureza) e em outra interpretativa (na linha de qualquer ciência humana). Isto significaria interiorizarmos a distinção. Não somente a psicanálise é ciência da natureza, como não se prolonga, pelo menos se levarmos a sério a tese freudiana, de uma dimensão hermenêutica (ASSOUN, 1983, p.48)

Analizamos a convergência entre psicanálise e as ciências da natureza a partir de dois níveis. O primeiro remete-se a matriz energética da teoria, aproximando os enunciados psicanalíticos de conceitos da física e da biologia. O segundo, procura compreender a metodologia psicanalítica a partir de um plano característico das ciências naturais, vinculando interpretação e explicação. Veremos agora, como Paul Ricoeur rejeita a tese de que a psicanálise obedece a um método explicativo, a posicionando no registro das significações.

2.2 A HERMENÊUTICA

O discurso psicanalítico se estrutura a partir de uma dualidade manifestada na disputa entre duas linguagens, a do sentido e da força. Diante disso, a psicanálise pode ser uma energética, ao explicar as forças que compõe a psique humana, ou uma hermenêutica, ao se voltar para o registro das significações. Paul Ricoeur rejeita a tese de que a psicanálise obedece a um modelo explicativo, a situando no campo das ciências humanas. Para o autor, a busca pela causa universal, como propõe as ciências da natureza, anula a dimensão particular da clínica, comprometendo o próprio processo analítico. O alinhamento da psicanálise a uma matriz positivista, implicaria uma redução do texto freudiano, na medida em que anula o plano das significações, no qual a própria clínica é pensada.

Tal corrente, representada, segundo Monzani (1989), por autores como Jean Hyppolite e Paul Ricoeur, buscou rever os termos em que o debate era colocado, precisamente o pressuposto de que a psicanálise é uma ciência natural (...) Para eles, enquanto se insistisse em considerar a psicanálise uma ciência empírica, fugir-se-ia, ao mesmo tempo, do espírito científico e do espírito freudiano, descumprindo as exigências epistemológicas da cientificidade sem atender às exigências psicanalíticas. O discurso analítico pertenceria ao registro do sentido, de maneira nenhuma ao da objetividade. A estratégia desses autores consistiu, então, em defender a disjunção entre o domínio das significações e o dos fatos. (LUSTOZA E FREIRE, 2006 p.10;11)

Para Ricoeur, é inviável o ajustamento da psicanálise aos critérios de validação científica, tendo em vista que ela está fundamentada em uma exegética, isto é, ela se constitui a partir de relações de sentido (BARBELLI, 2008). O paciente desconhece o sentido de seu sintoma, cabe ao analista, através das significações produzidas em análise, retornar esse sentido ao paciente (BATISTA, 2011).

A psicanálise não lida com o fato em si, mas com o sentido que o sujeito elabora para esse fato. Segundo Ricoeur, a diferença entre o domínio dos fatos e das significações marca a ruptura entre psicanálise e psicologia. Na medida em que não se interessa por fatos que são observados de fora, a psicanálise lança seu olhar para o sentido produzido pelo sujeito. Não se trata, portanto, de realizar qualquer tipo de observação, mas de interpretar. (BARBELLI, 2008)

A psicologia é uma ciência de observação, que versa sobre os fatos da conduta; a psicanálise, uma ciência exegética, que versa sobre as relações de sentido entre os objetos substituídos e os objetos originários da pulsão (RICOEUR, 1977, p.294).

Podemos justificar o ponto de vista energético, na medida em que Freud concebe o sistema psicossomático de um modo mecânico, apoiando-se em um esquema regulatório cuja finalidade é reduzir ao máximo o nível de tensão. Por outro lado,

podemos também justificar uma leitura hermenêutica, ao considerar as relações de sentido que se apresentam na prática clínica. Segundo Ricoeur, essa ambiguidade marca a posição epistemológica singular da psicanálise.

Todo o problema da epistemologia freudiana parece concentrar-se numa única questão: como é possível que a explicação econômica passe por uma interpretação que versa sobre significações e, em sentido oposto, que a interpretação seja um momento da explicação? (RICOEUR, 1977 p.68).

Ao propor uma dialética entre força e sentido, Ricoeur analisa as alterações de linguagem ao longo da obra freudiana. Segundo o autor, A interpretação dos sonhos (1905) marca um corte entre o estado energético da teoria, localizado no Projeto para uma psicologia científica (1895), para o início de uma integração entre energética e hermenêutica (BARBELLI, 2008). Conforme, Prado Jr (1983) enquanto no Projeto... Freud, recorre a um modelo hipotético já construído, a Interpretação dos Sonhos anuncia a instauração de uma prática de interpretação original, que se revela em um corte epistemológico. Devemos considerar as ponderações de Monzani (2014) acerca dessa ruptura.

A interpretação não estar tematizada [no projeto] não é sinônimo de estar ausente. A relação entre interpretação e explicação no estabelecimento do princípio de inércia é da mesma natureza que aquela que existe entre a tese da realização de desejos e sua fundamentação teórica. Em ambos os casos a interpretação fornece uma tese (há uma circulação brutal e imediata de quantidades nos processos patológicos, o sonho é uma realização de desejo) e esta é inserida em um espaço teórico que a fundamenta (princípio de inércia, estrutura “desejante” do psiquismo). O que pode ter havido é mais ou menos audácia nessas operações. Nada mais. Isso não significa dizer, é claro, que o “espaço” no qual se inscreve o Projeto... seja o mesmo de A interpretação dos sonhos. (MONZANI, 2014, p.110)

No entanto, a interpretação freudiana não se restringe a decifração de símbolos, pois o sentido revelado na clínica, contrapõe o sentido consciente. A técnica analítica descobriu que o sentido consciente é um disfarce, uma solução de compromisso entre o desejo e as instancias ideais (LUSTOZA E FREIRE, 2006). Tal disfarce é explorado pela escola hermenêutica da suspeita, que encontra em autores como Marx, Nietzsche e Freud o estabelecimento da dúvida em relação a consciência de si. A hermenêutica da suspeita entende a consciência como uma instancia de desconhecimento e ilusão, opondo-se a hermenêutica do sagrado, que ao buscar através da decifração o significado literal, agrega ao significado consciente, novos significados (LUSTOZA E FREIRE, 2006).

De acordo com Lustoza e Freire (2006) a hermenêutica da suspeita estabelece uma relação entre manifesto e latente semelhante ao colocado entre aparência e essência. Para uma hermenêutica da suspeita, ao contrário de completar o sentido manifesto, o sentido latente o dissolve, o coloca como ilusão. Mais do que revelar o sentido oculto do

texto, a psicanálise encontra pelo caminho as resistências psíquicas à admissão da verdade, colocando sob suspeita o próprio pensamento moderno. A psicanálise destrona o eu penso, ao colocar que o sujeito desconhece a si mesmo, não se pode ter consciência de si por si. Ricoeur pensa que a reflexão filosófica deve se pautar pelo freudismo como instrumento de crítica a consciência imediata, abandonando a consciência como instância segura e estabelecendo seu descentramento (BATISTA, 2011).

Com a introdução do conceito de narcisismo, o ego passa de sujeito do cogito para objeto de desejo. O narcisismo resiste a verdade, na medida em que nos propicia a ilusão de que somos senhores de nossa psique (BATISTA, 2011). A metapsicologia estabelece uma nova forma de pensar o sujeito do conhecimento, colocando em dúvida a própria tarefa filosófica.

Com a desconstrução da consciência imediata, realizada pela psicanálise, patenteia-se que a consciência humana não pode mais pensar-se como puro princípio ou ponto de partida. Pelo contrário, interpreta Ricoeur, ela é apenas uma antecipação que deve, como tal, realizar-se como “desejo de ser”, sabendo de antemão que tal esforço é uma tarefa inacabada. Devido à sua condição encarnada, o eu surge disseminado e perdido; isto significa justamente que não possui desde logo aquilo que é. Por isso, é obrigado a investir-se em signos contingentes e opacos, que mediatizam, realizando-o em seu ato de ser. (BATISTA, 2011 p.174)

Ao pensar na psicanálise como ciência hermenêutica, Ricoeur se coloca em oposição aos pensadores que restringem a linguagem psicanalítica a vertente energética. A partir de uma leitura reduzida a energética, a psicanálise é forçada a se adequar ao discurso positivista, formulando suas proposições de acordo com critérios legitimados pelas ciências da natureza. Por outro lado, na medida em que se restringe o texto freudiano ao ponto de vista interpretativo, também o tornamos irreconhecível. Ricoeur, ao contrário de Rland Dalbiez e Jean Hyppolite que mutilam a parte naturalista da teoria psicanalítica, a encara como um discurso misto, energético e hermenêutico (ANDRADE, 2013). Para o autor, a leitura reduzida da psicanálise, representa uma violência a própria estrutura híbrida da epistemologia freudiana.

Em oposição a tese de que a interpretação psicanalítica se ampara em um modelo explicativo, Ricoeur afirma que aquilo que se identifica a partir dos processos mentais são motivos, não causas. O problema está em confundir causas com motivos. Essa confusão é facilitada pela linguagem, tendo em vista que o termo *porque* pode ser utilizado para atos causados ou atos motivados (LUSTOZA E FREIRE, 2006).

Quando explicamos ações, pensamentos e sentimentos dos agentes, atribuímos a eles, ordinariamente, motivos, que correm o risco de serem confundidos com causas. De fato, a linguagem parece favorecer essa indistinção, pois o termo “porque” é usado tanto na referência a atos causados (“Ele fez isso porque

tomou uma injeção de cocaína”) quanto a atos motivados (“Ele fez isso porque queria ser justo”). A conexão entre, por exemplo, certa ação e o motivo que a justifica não é um laço extrínseco, a ser estabelecido por intermédio da observação de uma sucessão observável de eventos, mas um laço intrínseco ou lógico: sabe-se, de maneira imediata, que o motivo alegado é o correto. No segundo exemplo considerado (“Ele fez isso porque queria ser justo”), não se deve falar propriamente em causa, mas sim em motivo, pois ele justifica a verdade de certo modo de pensar ou, pelo menos, coloca em jogo a questão da verdade. (LUSTOZA E FREIRE, 2006, p.17)

A ligação entre motivo e ação não pode ser verificada a partir de um esquema causal observável. O sujeito fundamenta sua ação de acordo com um pensamento que lhe é próprio, que não pode ser observado de fora (LUSTOZA E FREIRE, 2006). O modelo explicativo, constitui um problema para leitura hermenêutica, posto que, a interpretação psicanalítica deixa de conceder o significado para determinar a causa. Como veremos adiante, Ricoeur procura solucionar a incompatibilidade entre sentido e força, subordinando a metapsicologia ao registro do sentido.

2.3 A CRÍTICA A LEITURA HERMENÊUTICA

Para entendermos a crítica a hermenêutica freudiana proposta por Ricoeur, devemos levar em consideração o conceito de angústia. Podemos entender a angústia como produto da cisão entre o afeto e sua ideia, na definição de Laplanche (1998), “a angústia é o próprio modelo do que há de mais puramente afetivo no afeto; é a quantidade despreendida da representação e que encontra uma expressão adequada à sua quantidade” (p. 219). No entanto, Ricoeur pensa o afeto como inevitavelmente dependente de uma representação. Para o autor, mesmo no caso da angústia, o afeto está potencialmente ligado a um representante, pois não pode ser conhecido fora da dimensão da ideia.

Contudo, Ricoeur contorna o obstáculo, defendendo que a angústia consiste, na verdade, em um afeto que teria se separado de sua idéia original devido ao processo de recalçamento. A angústia seria um afeto à procura de um novo suporte representativo, que lhe abriria o caminho à consciência. Assim, mesmo que o afeto esteja ligado a uma representação equivocada (caso do sentimento inconsciente) – ou até no caso limite da angústia, em que estaríamos diante do afeto puro, desligado de qualquer representação –, ele está sempre potencialmente ligado a uma idéia, mesmo que atualmente isso não se verifique. (LUSTOZA E FREIRE, 2006 p.22)

Desta forma, ao contrário de promover uma integração entre força e sentido, Ricoeur subordina o afeto a representação, eliminando a dimensão energética do psíquico. Segundo Monzani (2014) a grande descoberta da psicanálise está justamente em revelar que não há relação intrínseca entre representação e afeto e que, ao contrário de subordinar um ao outro, enfatiza como ambos podem assumir destinos diferentes.

O próprio Ricoeur não deixa de notar, a noção freudiana de afeto parece resistir a uma total assimilação por uma teoria do sentido, já que Freud não cessou de

lembrar a irreducibilidade do afeto ao sentido, enfatizando a possibilidade de afetos e representações conhecerem destinos diferentes. Além disso, ao tomar a angústia como um afeto que teria sido separado de sua ideia primitiva pelo recalque, Ricoeur negligência completamente a segunda teoria freudiana da angústia, segundo a qual haveria uma angústia anterior ao recalque, assimilável a um excesso de estimulação. (LUSTOZA e FREIRE, 2006 p.22)

A hermenêutica freudiana tem dificuldade de reconhecer a autonomia do afeto, pois entende que a distinção entre afeto e representação demarcaria uma realidade natural avessa a própria psicanálise. Lacan reconhece o mérito da leitura hermenêutica no que concerne a disjunção entre o registro da significação e dos fatos. No entanto, discorda dos pensadores do sentido, ao afirmarem que o pensamento pode e ser estudado pelas ciências da compreensão. Conforme Lustoza e Freire (2006) a crítica de Lacan ao compreensivíssimo se estabelece em dois níveis. O primeiro está em atribuir uma realidade natural a tudo aquilo que não pertence ao registro das significações, inviabilizando o lugar da energética. O segundo, como veremos a seguir, está na incapacidade de explicar o discurso histericizado do sujeito em análise.

O modelo compreensivo nos leva a crer que o significante é capaz de fornecer um significado último. Ricoeur chega a admitir que o significante pode se opacificar, ter um significado ilusório, mas que isso representaria apenas um desvio em relação ao significado original. Desta maneira, cabe a interpretação ir de um significado aparente para um significado oculto. No entanto, conforme Lustoza e Freire (2006), a prática clínica coloca em cena a histericização do discurso, isto é, o sujeito não se reconhece em sua fala, não aceita como algo que diz respeito a si. A dúvida em relação ao que foi dito, faz com que uma posição última jamais seja encontrada.

No entanto, é impossível que o sujeito deixe de escolher. Embora não haja posição suficientemente legitimada, não se pode deixar de eger alguma. Se há efetivamente um vazio de saber e, no entanto, elegemos uma posição e não outra, devemos supor haver satisfação n'isso. Assim, a noção de satisfação pulsional responde à hiância que separa motivos e atos, correspondendo precisamente ao lugar de uma falha no saber. (LUSTOZA e FREIRE, 2006 p. 31)

A experiência analítica revela a existência de uma pluralidade de significações para um mesmo significante, “uma única formação do inconsciente pode condensar propósitos contraditórios e múltiplos” (LUSTOZA e FEIRE, 2006, p.27). Ao assumir que um significante abarca desejos incompatíveis, torna-se inviável a busca por um significado original. Neste sentido, a afiliação da hermenêutica a uma certa concepção de linguagem, na qual o significado confere sustentação última ao significante, se revela incompatível com a psicanálise, na medida em que constata a impossibilidade de compreensão do ato em sua totalidade.

3 CONCLUSÃO

O percurso realizado procurou situar a psicanálise a partir de duas leituras distintas, demonstrando sua resistência a formação de uma unidade epistemológica. De um lado, vimos uma leitura que procura localizar no texto freudiano um modo de operação característico das ciências da natureza, formulando seus enunciados a partir da ênfase dada a uma compreensão puramente energética do aparelho psíquico. De outra maneira, conferimos na análise da obra de Paul Ricoeur, os desdobramentos de uma leitura que atribui a psicanálise um estatuto compatível com as ciências do sentido, identificando a importância do plano interpretativo em sua constituição.

A psicanálise estabelece um novo entendimento sobre o discurso científico, ao constatar a implicação do desejo na ação humana. Sua adequação ao regime dos fatos, anula a dimensão reflexiva, restringindo a psicanálise a metodologia científica. No entanto, a restrição do texto freudiano ao compreensívíssimo, também o torna irreconhecível. A hermenêutica freudiana tem dificuldade de reconhecer o lugar do afeto, ao entender que sua independência demarcaria uma realidade natural avessa a própria psicanálise. O expurgo de tudo aquilo que não pertence ao registro das significações, inviabiliza a autonomia do afeto. Além disso, vimos como a histericização do discurso do sujeito em análise, impede que o significado confira sustentação última ao significante, impossibilitando a compreensão do ato em sua totalidade.

À vista disso, podemos dizer que a epistemologia psicanalítica parece sempre escapar a uma unidade, resistindo as formulações que lhe são impostas. Não que ela seja atribuída de um saber que a interdite do diálogo com outras áreas, mas que a tentativa de incorporação, não assume que o seu modo de investigação, possui uma lógica que é própria do campo. A tentativa de constituição de uma unidade epistemológica, tenciona para aquilo que não é dito nesses discursos, a inserido num regime de exterioridade, alheio ao próprio campo psicanalítico. Esperamos que este trabalho sirva de ponto de partida para uma discussão mais aprofundada sobre as implicações do conceito de pulsão na constituição do campo psicanalítico, a fim de investigar em que medida este conceito contribui para a formação dessa pluralidade.

4 REFERÊNCIAS

- ASSOUN, P.L. Introdução à Epistemologia Freudiana. Rio de Janeiro: Imago. 1983.
- ANDRADE, R.J. Energética e Hermenêutica: O Problema epistemológico do freudismo discutido por Paul Ricoeur. Prometeus, Ano 6, Número 12, p.141; p.168. Jul-dez, 2013.
- BARBELLI, I.C. O estatuto epistemológico da psicanálise freudiana energética e hermenêutica. Dissertatio, UFPel [27-28] 197 – 230, 2008.
- BATISTA, J.B. Considerações acerca do tema do Cogito ferido em Freud e a tarefa de reconstrução do conceito de sujeito em Ricoeur: prolegômenos para uma ética. Revista Estudos Filosóficos nº 6 – versão eletrônica – ISSN 2177-296 - DFIME – UFSJ - São João del-Rei-MG Pág. 169-185, 2011.
- BEIVIDAS, W. Inconsciente et verbum. São Paulo: Humanitas-FFLCH/USP, 2000.
- CARVALHO, V.O. & MONZANI, L.R. Sobre as origens da concepção freudiana de ciências da natureza. Scientiae Studia, São Paulo, v. 13, n. 4, p. 781-809, 2015.
- FIGUEIREDO, L. C. Epistemologia e Psicologia. Manuscritos relativos a disciplina ministrada no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-São Paulo, 1994.
- FIGUEIREDO, L. C. Revisitando as Psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos. São Paulo: EDUC; Petrópolis: Vozes, 1995.
- FRANCO, S.G. Críticas à psicanálise, o enfoque fenomenológico, a psicopatologia fundamental. Lat.-Am. Journal of Fund. Psychopath. Online. Online. São Paulo, v. 5, n. 1, p. 118-127, maio, 2008.
- FOUCAULT, M. Ditos e Escritos: problematização do sujeito, psicologia, psiquiatria e psicanálise. 2ª edição, Forense Universitária, Rio de Janeiro, 2002.
- FREUD, S. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. 3, pp. 251-385). Rio de Janeiro: Imago, 1950/1974.
- FREUD, S. Os Instintos e suas vicissitudes. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1915/1996.
- FREUD, S. Psicologia de grupo e análise do ego. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1921/1976.
- FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica – Parte II – Psicopatologia. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1895/1996.

FREUD, S. A Interpretação dos Sonhos. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 4 e 5. Rio de Janeiro: Imago, 1900/1996.

FREUD, S. As neuropsicoses de defesa. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 3. Rio de Janeiro: Imago, 1894/1976.

HABERMAS, J. Conhecimento e Interesse. Rio de Janeiro: Ed. Zahar Editores S.A, 1968/1982.

KUHN, Thomas S. A estrutura das revoluções científicas. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1962/1997.

LAPLANCHE, J. Problemáticas I: a angústia. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LACAN, J. A ciência e a verdade. In escritos (pp. 869-892). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1965-1966/1998.

LUSTOZA, R. Z. & FREIRE, A. B. Para uma crítica da leitura hermenêutica da psicanálise - *Natureza Humana* 8(1): 9-33, jan-jun, 2006.

MARQUES, M. R. Afeto e sensorialidade no pensamento de B. Espinosa, S. Freud e D. W. Winnicott / Dissertação (mestrado); orientador: Carlos Augusto Peixoto Junior. PUC RJ, Departamento de Psicologia, 2012.

MEZAN, R. Pesquisa em psicanálise: Algumas reflexões. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, 39(70): 227-241, jun. 2006.

MEZAN, R. Que tipo de ciência é, afinal, a Psicanálise? - *Natureza Humana* 9(2): 319-359, jul-dez, 2007.

MONZANI, L. R. Freud: O movimento de um pensamento. 3. Ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

PALOMBINI, A. L. Fundamentos para uma crítica da epistemologia da psicanálise / Dissertação (mestrado); orientador: Jaime Rebello. UFRGS, Departamento de Filosofia, 1996.

PRADO JR, B. Auto-reflexão, ou interpretação sem sujeito? Habermas interprete de Freud. Universidade de São Paulo - *Revista Discurso* n. 14. 1980/1983.

RICOEUR, P. Da interpretação: ensaio sobre Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

RAVANELLO, T. et al. Os caminhos da pesquisa psicanalítica: da epistemologia ao método. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 9 (1), jan. -jun., 110 – 124, 2016.

SIMANKE, R. T. A psicanálise freudiana e a dualidade entre ciências naturais e ciências humanas. *Scientiae Studia*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 221-35, 2009.

VORSATZ. I. O sujeito da psicanálise e o sujeito da ciência: Descartes, Freud e Lacan. *Psic. Clín.*, Rio de Janeiro, vol. 27, n. 2, p. 249-273, 2015.